

Conseguirá Lula da Silva pacificar um Brasil polarizado?

Ex-Presidente brasileiro venceu presidenciais por curta margem e adeptos do derrotado Bolsonaro ocuparam estradas a exigir intervenção militar.

Carmen Fonseca e Renato Lessa | *Expresso* | 4 de novembro de 2022

CARMEN FONSECA

NÃO

No seu discurso de vitória, o Presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, afirmou que “não existem dois Brasis” e que irá governar para todos os brasileiros, não apenas para os que votaram em si. Porém, a afirmação de Lula da Silva e o cuidado no vocabulário utilizado, mais do que refletir a unidade do Brasil, reflete o reconhecimento das divisões presentes no país e do desafio que isso representa para o seu Governo, que iniciará funções a 1 de janeiro de 2023.

O cenário que enquadrou as eleições deste ano foi diferente — atípico ou anormal, como muitas vezes qualificado — do histórico da democracia brasileira, como foram diferentes os últimos quatro anos ou o período que se vem vivendo desde, pelo menos, a destituição da Presidente Dilma Rousseff. As forças políticas protagonizaram uma disputa e uma rutura que contribuiu para vulgarizar termos como polarização (política e social), discurso do ódio ou desinformação.

As eleições de 2022 evidenciaram a divisão do Brasil quando, desde o início, ficou claro que iria ser um duelo entre Bolsonaro e Lula, representantes de duas visões antagónicas. A atenuante é que este antagonismo poderá não ser tão absoluto entre os eleitores, já que os seus votos significaram mais rejeição ao outro do que apoio ao escolhido.

Mas como ler os resultados da segunda volta se não como representação de profunda divisão, política e social? O aumento de sete milhões de votos conseguido por Bolsonaro é revelador da rejeição do Presidente eleito, e, se não do apoio total e racional a Bolsonaro, pelo menos da identificação de quase metade dos eleitores brasileiros com o bolsonarismo.

A divisão foi tal que poderá ser preciso uma geração e não apenas um mandato presidencial

A dificuldade em conciliar os dois Brasis será proporcional à capacidade de resiliência do movimento bolsonarista, que não é partido político nem apenas uma força política que agrega em função de uma ideologia ou de um projeto político. É um movimento que desenvolveu uma opinião acerca do modo de vida do povo brasileiro, instrumentalizando a religião para a projetar e transformando-a numa identidade. A

carta dirigida à Igreja Evangélica pelo ainda candidato Lula reconhecia o peso dessa identidade.

Lula já mostrou ter consciência do desafio que o espera. Também já mostrou ter o carisma necessário para o diálogo e para a negociação, evidente no passado, não obstante os processos de corrupção que o atingiram; ou na diversidade da coligação de apoio à sua candidatura. Ainda assim, é crucial que o seu próprio partido se adapte, de forma a que seja restabelecida a confiança dos brasileiros na política e nos políticos, e que se conciliem os “Brasis”, preservando, contudo, as diferenças que lhe são inerentes.

A divisão que se foi consolidando na sociedade brasileira foi de tal ordem que poderá ser preciso uma geração e não somente um mandato presidencial para reconciliar os brasileiros. O Brasil precisa de reconstruir uma identidade tolerante e não exclusiva. Está dado o primeiro passo, mas o caminho será longo.

RENATO LESSA*

SIM

A opção pelo “sim” decorre de dois fatores. Releva, antes de tudo, de um sentimento pessoal deste escriba, movido pelo desejo de que as coisas corram o menos mal possível. E que o abismo existencial e político instalado no Brasil possa ser mitigado.

Decorre ainda do reconhecimento de um facto: no contexto brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva é o único ator dotado da capacidade de agregar um universo tão heterogéneo quanto o espectro político que, da esquerda ao centro-direita, se perfilou por trás de si na segunda volta das eleições presidenciais. Não há no Brasil, neste momento, quem o possa fazer de modo mais amplo e consistente. Trata-se de um rearranjo político incomum. O primeiro gesto em tal direção foi o convite a Geraldo Alckmin — ex-governador do Estado de São Paulo —, do campo do centro-direita e adversário político de Lula nas eleições de 2006, a integrar a chapa.

Lula é o único ator capaz de agregar um universo que vai da esquerda ao centro-direita

Na segunda volta alianças e afinidades foram construídas. Destaque para a ex-candidata à presidência Simone Tebet — uma das melhores novidades da campanha — e para a reaproximação com a ex-ministra do Meio Ambiente, Marina da Silva, a indicar a relevância da agenda ambiental para o próximo Governo. Movimentos políticos durante a campanha, e já os dos primeiros dias pós-eleição, estão a indicar este caminho: uma coligação que exceda o “modo de governar ‘petista’ [do Partido dos Trabalhadores, de Lula]”. A coligação, com efeito, excede o âmbito político e institucional. Conta com expressivas adesões no campo da cultura, da vida intelectual, dos movimentos sociais, dos empresários e de segmentos relevantes da opinião, nomeadamente juristas e economistas. São as bases de uma provável ‘geringonça’ à brasileira. Ao contrário da original portuguesa, na qual o centro-esquerda se abriu à esquerda, na versão tropical será o centro-esquerda a voltar-se para adversários históricos à direita. Há, decerto,

complexidades e obstáculos. Quanto às primeiras, duas alianças foram importantes para a vitória de Lula: uma política, já mencionada, outra social. Os olhos estão voltados para a primeira, mas foi a força eleitoral da coligação social que elegeu Lula: a maioria dos pobres brasileiros, concentrados no Nordeste e nas periferias urbanas. É imperativo que seja conciliada com o poder público, e que se tornem prioritários os temas do crescimento económico e das políticas sociais, algo que excede a agenda fiscalista e liberal de alguns dos componentes da aliança política em formação.

Os obstáculos já estão postos: como lidar com a disposição insurrecional da inconciliável extrema-direita, a contar com a anuência das forças da ordem? Bem sei disto, não me distraio e sei, ainda, que há delinquentes políticos e sociais à solta, mas prefiro olhar para a parte cheia do copo. Bem poderia fixar-me na parte vazia, mas há fortes expectativas e idêntico empenho para formar a grande coligação. Como bem disse o bispo Pedro Casaldáliga: deixemos o pessimismo para dias melhores.

*Professor universitário, ex-diretor da Biblioteca Nacional do Brasil

<https://expresso.pt/opiniao/2022-11-04-Conseguiu-Lula-da-Silva-pacificar-um-Brasil-polarizado--e548a137>